

ULTRA-SOM, MEDICINA E ESPETÁCULO

Lilian Krakowski Chazan

Doutora em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social da UERJ

RESUMO

Atualmente a ultra-sonografia é considerada um exame indispensável no acompanhamento da gravidez, nas sociedades urbanas industrializadas, no Ocidente. Contudo, o que hoje nos parece ‘natural’ é, a rigor, produto de um longo processo histórico e cultural, que passo a esboçar brevemente. Refiro-me aqui especificamente à presença e influência da medicina em nossa vida diária.

Nem sempre foi assim. A entrada da medicina na vida das pessoas é um processo que tem seu início no século XVIII na Europa, vinculado à formação dos Estados tais como os conhecemos hoje. Nessa época, com a industrialização crescente e o aumento da migração rural para as cidades, que se tornam superpopuladas e insalubres, em conjunto com a mudança no conceito do que era ‘riqueza’ de um Estado,¹ a questão da condição de saúde das populações torna-se um assunto de interesse crucial para os governos: logicamente, sujeitos saudáveis produzem melhor. É nessa época que surge o conceito de ‘saúde pública’ como um assunto de interesse e de ação do Estado.

Para o manejo dessas questões, a medicina é um instrumento muito mais eficaz do que a Igreja, que até então era a instituição que determinava para o povo o que era ‘certo’ ou ‘errado’ em termos de comportamentos.² Nessa linha de raciocínio, a reprodução também passa a interessar aos Estados, assim como a saúde das crianças – o futuro das populações. Gradativamente a medicina passa a ocupar um lugar de destaque cada vez maior na vida das pessoas que, por sua vez, esperam que a medicina solucione problemas com a vida e com as doenças, que antes eram considerados ‘vontade de Deus’. Todo esse processo foi denominado de ‘medicalização social’. A medicina passa a se ocupar das diversas etapas do ciclo da vida dos sujeitos, desde o nascimento até a velhice e a morte.

A partir dessa época, a criança e mais adiante, no século XIX, o bebê, aos poucos tornaram-se objetos de atenção médica e social. A medicina passa a cuidar também da

¹ No período feudal, a riqueza de um condado, ducado, principado etc. era medida em termos da extensão do território. Com a formação dos Estados (os atuais países, como p.ex. França, Itália, Alemanha), a riqueza passa a ser medida em termos da produção, agrícola e industrial.

² Isso não quer dizer que a Igreja tenha deixado de dizer o que considera ‘certo’ ou ‘errado’. O ponto que quero sublinhar é que ela se tornou menos eficiente para o propósito dos governos em terem populações saudáveis e produtivas.

gravidez e do nascimento, e gradualmente as parteiras perdem o monopólio dos partos, como consequência desse processo mais amplo de medicalização social. Nessa época – em torno dos anos 1890 – a obstetrícia começa a se consolidar como uma especialidade médica e o parto em hospital se torna socialmente valorizado, ou seja, culturalmente passa-se considerar ‘melhor’ ter filhos em condições medicamente monitoradas. Em meados do século XX, no período pós II Guerra Mundial, o feto torna-se também objeto de atenção médica, considerado como um segundo ‘paciente’ dos obstetras. Essa atenção teve diversas consequências além das exclusivamente médicas.

O ultra-som, que começou a ser utilizado na obstetrícia em fins dos anos 1950, passou em fins dos anos 1980 a ser usado como exame de rotina na gravidez, como uma ferramenta diagnóstica para acompanhamento da gestação e do desenvolvimento fetal, assim como para a detecção de anomalias fetais. A grande expansão do uso de ultra-som nesse período se deu, segundo diversas autoras feministas, ligada ao reacendimento do debate sobre o direito de escolha, nos Estados Unidos, quando foi eleito o republicano conservador Ronald Reagan.³ As imagens fetais foram apropriadas por ativistas ‘pró-vida’ (ou anti-aborto) para diversas utilizações políticas nesse debate, fora do âmbito estritamente médico, diagnóstico. A transformação do ultra-som em espetáculo e em objeto de consumo, um fenômeno observado na atualidade no Brasil, pode ser entendido em parte como uma questão vinculada à (falta de) discussão na sociedade acerca do direito de escolha.

A ultra-sonografia como espetáculo como que ‘transforma’ o feto em Pessoa antes do nascimento; em outro plano, o feto é socialmente construído como um novo ‘indivíduo’, visualizável e com ‘comportamentos’ observáveis e individualizados. A vivência da gravidez, para a gestante, é modificada por meio da visualização das imagens fetais, seja ‘antecipando’ a noção de estar grávida – no caso de gravidezes iniciais –, seja dando significado às sensações vividas por ela, por meio da determinação de onde estão situadas as partes do corpo do feto, como p.ex. o pé, a mão, a cabeça etc.

Deste modo, novas tecnologias vêm contribuindo, tanto para a criação, quanto para a afirmação de novas subjetividades e, em última instância, para a construção social do feto como Pessoa antes mesmo de vir ao mundo.

³ Desde o início dos anos 1970, as mulheres tinham legalmente o direito de escolha em todos os estados da federação, nos Estados Unidos.